

A jovem compositora búlgaro-britânica Dobrinka Tabakova fala da sua música e dos seus projetos, a propósito do seu primeiro disco

CORDAS VIBRANTES

Textos Jorge Calado

Foi o desfiar de um novelo. O título do disco, “String Paths” (Caminhos de Cordas), sugere uma meada entrelaçada (embora as cordas sejam as dos violinos, violetas, violoncelos e contrabaixos). A música, achei-a suficientemente apelativa e intrigante (quero dizer, inteligente) para justificar uma conversa ao vivo e em pessoa. Dobrinka Tabakova nasceu na histórica Plovdiv (Bulgária) em 1980, mas vive em Londres desde 1991. Este é o primeiro disco inteiramente preenchido com composições suas. À hora aprazada, encontrámo-nos na London Bridge, à sombra do “Shard” (Estilhaço) — a obra-prima de Renzo Piano e o meu ícone favorito em Londres —, e depois foi só percorrer umas dezenas de metros até um café à beira do Tamisa. Londres abrasava, este verão.

Com dois terços da sua jovem vida passados em Londres, quis saber como se via, na qualidade de compositora e cidadã — búlgara, britânica ou simplesmente europeia? “Sinto-me ligada à cultura europeia através da música (e não só). Sou filha única e cresci numa família de médicos e cientistas que amam a música clássica. [O pai, Slavik Tabakov, é professor de física médica no King’s College, Londres, e especialista de *e-learning*; a mãe é engenheira.] O meu pai toca bem violoncelo, e a minha mãe, violino; eu aprendi piano. Tínhamos uma boa biblioteca em casa e várias enciclopédias de arte. Cresci rodeada de cultura europeia, e vi sempre a cultura como uma janela para o mundo. Faz-me sentir parte de algo mais vasto. Quando estou em Londres sinto as minhas raízes búlgaras, mas quando vou à Bulgária também me sinto inglesa. Em criança não ligava à música folclórica búlgara, que estava sempre a ser promovida, na televisão, rádio ou festas, pelo regime comunista; mas quando voltei a ouvi-la em Londres, fora do contexto político, já consegui apreciar a sua beleza complexa e, de certo modo, senti-la como minha. Amo Plovdiv, a cidade onde nasci, que é a cidade europeia mais antiga [continuamente habitada há 6000 anos], mas também estou muito ligada a Londres e à cultura inglesa. Todas estas culturas são parte de mim, complementam-se uma à outra e já não as consigo separar.”

Dobrinka estudou na Guildhall School of Music and Drama e doutorou-se em Composição pelo King’s College. Foi uma compositora precoce: aos



Dobrinka Tabakova: “Sinto-me desligada dos *media* sociais, desta mania de mostrar uma imagem brilhante e feliz a toda a gente”

14 anos ganhou um prêmio no 4º Concurso Internacional de Música de Viena, e de então para cá as distinções, medalhas e prêmios têm-se sucedido. Em 2002, no Jubileu de Ouro da rainha Isabel II, ouviu o seu hino, “Praise”, cantado na Catedral de São Paulo. Em 2012, “Centuries of Meditations” (para orquestra e coro) recebeu críticas excelentes no Festival dos Três Coros. Curiosamente, muita da sua música é para formações de instrumentos de cordas e composta para amigos e amigas, antigos colegas da Guildhall. “Estas coisas acontecem naturalmente”, explica. “Os músicos inspiram-me. Quando se compõe para uma pessoa que se conhece, com quem se tem conversas interessantes, podemos ser nós próprios, sem artificialismos. Descobrimos afinidades, tornamo-nos amigos através da música. Mas não lhes facilito a vida [como instrumentistas]; gosto de os desafiar e escrevo peças complicadas. Em 2000, Max [Maxim Rysanov] pediu-me para escrever uma peça para violeta, e eu compus ‘Pirin’ — o nome duma montanha búlgara. Kristina [Blaumane] fazia parte da Amsterdam Sinfonietta quando foi convidada para violoncelista principal da London Philharmonic Orchestra. Para o concerto de despedida, a Sinfonietta deu-lhe carta-branca quanto ao programa, incluindo a encomenda duma peça nova. Kristina pediu-me a mim, e é esta a origem do ‘Concerto for Cello and Strings’. Também há razões práticas que me levam a compor muito para cordas: não é necessário quebrar a linha [musical] para respirar! [risos] Os músicos podem inspirar em qualquer altura — o que não acontece com os sopros e os metais.”

A sua música tem sido descrita como melódica, sensual, radiosa. Para mim, é lírica, com forte sentido rítmico, e essencialmente contemplativa. “Em primeiro lugar, acho muito difícil uma pessoa interessar-se pelo estado atual do mundo e sentir-se completamente feliz. Também me sinto desligada dos *media* sociais, desta mania de mostrar uma imagem brilhante e feliz a toda a gente. Um dos valores da arte é que te permite ser mais introspetivo, pensar naquilo que vale realmente a pena. É isso que procuro atingir com a minha música.” Contrastes e simetrias são outros tantos fatores. “Sim, começo por pensar numa estrutura, que vou depois preenchendo com várias ideias e motivos. Gosto ainda de voltar às mesmas ideias e de as apresentar de maneira diferente, como se fossem vistas de outro ângulo. E procuro a coesão através da simetria.” Música indiscutivelmente contemporânea que não renega a música do passado (o que explica a admiração de Tabakova por Ottorino Respighi, um compositor cuja obra só é muito parcialmente conhecida). “Sim, admiro a consistência de Respighi, a sua atitude em relação ao passado e futuro da música. Há duas correntes na música do século XX: uma que corta o cordão umbilical e outra que olha para trás e dá continuidade ao passado. Temos de testemunhar as complexidades do presente, mas também temos de reconhecer tudo o que houve antes.”

A música de Tabakova não parece vir do Leste europeu nem do Mediterrâneo (como a de Respighi). “Frozen River Flows” (originalmente para per-

cussão e oboé) evoca riachos subterrâneos, sob paisagens geladas. Talvez seja nórdica ou báltica. (Coincidência ou não, Blaumane é letã e a orquestra do disco é a Orquestra de Câmara da Lituânia.) “Oh, não necessariamente! Na Bulgária, no inverno, temos temperaturas de -20 graus centígrados! Mas é verdade que o inverno é a minha estação favorita, embora goste também do cheiro do outono e de sentir a primavera.” O violinista Roman Mints pediu-lhe para fazer uma versão para violino, acordeão e contrabaixo (a versão agora gravada), e Tabakova conta-me como ouvira, em tempos, o ciclo “La Nativité du Seigneur”, de Olivier Messiaen, tocado em acordeão (em vez do órgão), e como ficara fascinada. “O acordeão é uma espécie de orquestra de um músico só.” Messiaen permanece um dos seus compositores favoritos, tal como o György Ligeti do “Concerto de Violino” ou Giya Kancheli.

A música de Dobrinka Tabakova é visual e visionária, evocativa de paisagens e imagens. “Sempre me senti fascinada pelo que acontece no subconsciente quando ouvimos música. Principalmente na sala de concerto, na companhia de muita gente: os mesmos sons, mas cada um a experimentá-los e a interpretá-los de maneira diferente. O aspeto visual ajuda a definir algo que é abstrato e torna um pouco mais fácil discutir a música.” “String Paths”, porém, apenas dá conta da parte puramente instrumental da sua obra. “Gosto de pôr palavras em música, e tenho composto muita música coral. Como estudante da Guildhall, costumava ir às classes dos alunos de canto e não perdia os seus recitais. Invejava-lhes o treino completo, as aulas de movimento, dicção, etc. Até que o diretor do departamento vocal, Robin Bowman, reparou em mim e pediu-me para compor uma ópera de câmara para os estudantes do meu ano. O resultado foi ‘Midsummer Magic’, para cerca de 15 cantores e um pequeno *ensemble* com clarinete, violoncelo, percussão e piano. Durante muito tempo andei à procura de uma boa história, mas acabei por ser eu a escrever o libreto, baseado em contos infantis (menino que tem insónias, vê sombras, etc.). Tinha então 19 anos.”

Dobrinka esteve em Lisboa em 2012 para uma execução da “Suite in Old Style” — a mais respighiana das suas obras —, composta a pedido de Rysanov e que é, à sua maneira, uma homenagem a Rameau. O concerto decorreu no São Luiz (Jardim de Inverno), com a violetista Natalia Tchitch, sob direção de César Viana. Tabakova guarda as melhores recordações desse concerto e da cidade — “uma das mais belas e atmosféricas que já vi”. Atualmente, está a trabalhar — com a realizadora escocesa Ruth Paxton — na banda sonora dum filme mudo de 12 minutos, “Pulse”, para a New Music Biennial de Glasgow, que coincidirá com os Commonwealth Games em 2014. Como britânica, não escapou ao sortilégio de Shakespeare. Escreveu um ciclo de canções (para soprano dramático e orquestra de câmara), “Sonnets to Sundry Notes on Music”, sobre sonetos do bardo e prepara-se para compor uma cantata para a Orchestra of the Swan (Stratford-upon-Avon), a tempo das comemorações do quarto centenário da morte de Shakespeare em 2016. ▲

SAUDADE E MELANCOLIA

Como indica o título, as cordas predominam e asseguram a unidade do disco. O fascínio está no que Dobrinka Tabakova faz com elas. “Insight” (2002), a peça de abertura composta para o ASCH Trio (de Arnold Schoenberg e Alfred Schnittke), desafia todas as expectativas e soa como um único, multifacetado instrumento — uma espécie de acordeão de cordas. Aposto que será uma peça marcante para esta combinação natural de violino, violeta e violoncelo (cujo repertório é reduzido). O bellissimo “Concerto for Cello and Strings” (2008) é o prato forte do disco: em três andamentos (turbulento, saudoso, radioso), erigido de dificuldades para a solista, atinge uma espiritualidade sublime no terceiro andamento, afim do mundo sonoro de “Lohengrin”. (Tabakova ficou espantada com esta sugestão wagneriana, mas não a negou.) As obsessões rítmicas (ecos da escrita original para percussão) vão bem com “Frozen River Flows” (2005). Tabakova — tal como Björk — anseia por visualizar os sons, e aqui estão os cristais de gelo que “crescem, como plantas, debaixo dos nossos pés” de que fala ‘Crystalline’, o tema maior do álbum “Biophilia” (2011), de Björk. A “Suite in Old Style” (2006) segue os preceitos de Respighi — música contemporânea com saudade do passado. Ao Prelúdio, com fanfarra, espelhos e simetrias, segue-se um adágio mahleriano (‘Rose garden by moonlight’) e depois uma dança viva, à moda de Rameau (o cravo é uma mais-valia). O último número do CD é o septeto “Such Different Paths” (2008/9) — uma cornucópia de achados musicais que começa de modo jovial mas depressa muda para meditação mágica que se desfaz num soluço. Viva a melancolia! A gravação sonora é excelente. J.C.



★★★★

TABAKOVA: STRING PATHS

Blaumane (vcelo), Mints (v), Rysanov (vta, d), Jansen (v), Lithuanian Chamber Orchestra ECM/Distrizjazz